

Da Felicidade à Amizade: percursos éticos

From the Happiness to Friendship: ethical pathways

Douglas Jorge Arão*

A Amizade

O tema da amizade foi um dos argumentos mais importantes da ética antiga e da medieval. Se, na época Clássica, esse tema provocou ricas considerações, na época moderna ele ocupa um lugar muito modesto. Algum autor, certamente, o menciona, mas não há um tratado filosófico de destaque no que diz respeito à amizade.

Por que emerge essa diferença entre filosofia antiga e medieval, de um lado, e filosofia moderna de outro?

Em primeiro lugar, existe divergência na abordagem da ética mesma. A filosofia Clássica considerava que o principal objetivo da ética seria se ocupar em esclarecer o fim último da vida humana. Entre esse fim último e a amizade, existiria um nexó muito estreito; os antigos eram absolutamente convencidos de que uma pessoa sem amigos não poderia ser feliz. Dessa forma, a amizade constituía um elemento essencial à ideia de “vida feliz”.

Em segundo lugar, os filósofos antigos tinham uma aprofundada consciência de que nenhum homem poderia progredir moralmente sozinho. O homem é um animal político que depende dos outros, não somente porque não consegue procurar por si só os meios necessários para a sua sobrevivência biológica, como ser humano (a menos que se bestialize), mas também porque, sozinho, é incapaz de amadurecer seus próprios talentos morais. A educação recebida de outros, para os antigos, era indispensável para a própria humanização como conceito moral.

* Professor do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUC Minas.

Texto apresentado no *Convite ao Pensar*, em novembro de 2011.

Existem vários motivos que explicariam o declínio da reflexão sobre a amizade na Idade Moderna. A causa principal residiria, provavelmente, na forte afirmação da subjetividade da pessoa humana e na crescente tensão frente à autonomia. A tendência à independência de fatores externos se mostra em diversos campos. Na Reforma Protestante, marco da modernidade nascente, elimina-se o papel de mediador da comunidade. Mais tarde, vemos outras formas ainda mais radicais como a consideração do homem como indivíduo. De fato, o termo indivíduo vem do latim “individuum” que, por sua vez, é a tradução do grego “átomo”, significando “não divisível”. Será, a partir da aparição do Estado burguês e da noção de Estado Laico que o ser humano, até então designado como “Pessoa”, simplesmente, passa a ser considerado como “indivíduo”.

Natureza e fundamentos da amizade:

Tomemos como representante da filosofia antiga, sobre a amizade, o grande Aristóteles (384-322 a.C.). O termo “amizade” tem, em Aristóteles, um sentido mais amplo do que o atual. Segundo ele, a amizade não consistiria em uma relação somente entre pessoas que escolhem, livremente, ficarem próximas, mas incluiria todos aqueles que possuem um fator de unidade, os esposos, os membros de uma família, os que coabitam em uma cidade. Para todas essas comunidades, vale a definição de amizade que oferece o filósofo em sua “Ética a Nicômaco”:

Amizade é:

- a) Uma benevolência;
- b) Recíproca;
- c) Que se manifesta na comunicação de um bem comum.

Vejamos:

a) O primeiro elemento, “benevolência”, é explicado, em Tomás de Aquino, através da distinção entre “amor concupiscente” (amor concupiscentiae) e “amor amigo” (amor amicitiae). O amor tem duas dimensões: ama-se algo, uma coisa, um esporte, um jogo, um hobby, uma droga, um vício (amor concupiscentiae) ou alguém; se quer bem a si mesmo ou a um outro (amor amicitiae). Em todo amor, estão presentes as duas dimensões. Não se pode querer bem a alguém sem desejar-lhe tudo de bom. Não se pode desejar algo que não seja para o próprio gozo ou para o gozo de outro a quem se

quer bem. Isso se dá em três sentidos: o amigo quer bem a si ou à pessoa amada (amor), se empenha ativamente em favorecer-se ou em favorecer o amigo (desejo), por fim, fica contente quando usufrui ou quando o amigo usufrui o bem (alegria).

b) Não basta somente querer bem a uma pessoa para se tornar seu amigo. A amizade consiste em um querer bem recíproco. Assim como ninguém pode namorar sozinho, não se pode ser amigo sozinho: “um amigo é amigo para o amigo” (sabedoria medieval). Se alguém quer bem a um outro, mas não recebe o mesmo sentimento em troca, isso, por definição, pode configurar bem-querer, benevolência, não se trata, todavia, de amizade. Entre um membro de um fã-clube e seu ídolo não existe amizade. É preciso haver um câmbio de afeto recebido de modo pessoal.

c) O terceiro elemento, o que qualifica, definitivamente, a amizade, consiste em um bem manifesto que os amigos têm em comum. Um recíproco bem querer que não se manifeste concretamente na vida não é amizade. A amizade não é uma relação puramente sentimental: tem que haver um fundamento na vida real. Não se pode ser amigo sem compartilhar a vida, sem comunicar ao outro a própria vida, ou aspectos da própria vida. Essa identificação faz com que tenha sentido a clássica definição de amizade de Aristóteles: o amigo é “um outro si mesmo”. Como se vê, é uma identificação exata.

Três tipos de amizade:

A relação entre duas pessoas que se amam, reciprocamente, funda suas raízes em certo bem que é querido pelas duas partes (de fato, mesmo se há divergência e disputa, o bem querido pode ser a verdade sobre a questão que gera a diferença). Aristóteles individua três tipos de bem comum que podem fundar uma amizade:

- a) O útil.
- b) O prazer.
- c) A virtude.

Vejamos:

- a) A amizade entre dois parceiros comerciais, por exemplo, funda-se na utilidade;
- b) Entre jogadores, no prazer comum do jogo;

c) Entre dois conhecidos, na virtude que serve a cada um de exemplo e ajuda.

Nos dois primeiros casos, não se trata de uma amizade verdadeira, porque os amigos não se amam pelo que um, por si só, é para o outro, mas por qualquer bem contingente que um possa oferecer ao outro. É uma amizade accidental, pois o bem em comum é passageiro, efêmero. A verdadeira amizade é aquela em que os amigos se amam por si só. Entretanto, para Aristóteles, esse amor se funda em interesse próprio. Cícero (106-43 a.C.) adverte que: “A amizade não é outra coisa senão um entendimento sobre o divino e sobre o humano, conjugada com um profundo afeto”. Como vemos, para os antigos, o que se ama no outro é o que se ama em si mesmo.

Egoísmo e Altruísmo:

A filosofia antiga não sabe como sair da oposição entre egoísmo e altruísmo. Para sair dessa contradição, foi preciso chegar à filosofia medieval.

O que quer dizer “amar a si mesmo”?

Alguns filósofos respondem “amar o próprio prazer”. Outros, junto com Aristóteles, “amar aquilo que há de mais elevado na própria pessoa, isto é, a própria virtude”. Para Agostinho de Hipona, é “desejar a própria felicidade”, mas como a felicidade consiste em Deus não é possível amar a si mesmo sem amar a Deus. Há uma Alteridade implícita no desejo da própria felicidade. Nesse sentido, o amor próprio consiste, imediatamente, em um amor ao Outro. “Alguém ama o outro como a si mesmo, somente se ama a Deus; porque se não ama a Deus, não ama nem a si mesmo”.

Amizade e Justiça:

Vimos que a amizade era preocupação, como tema filosófico, na Idade Antiga e na Medieval, representadas, aqui, brevemente, por Aristóteles e Agostinho de Hipona, respectivamente, e o era, especificamente, porque tinha muito a ver com a ética e a noção de virtude, de Vida Feliz.

Muitos filósofos modernos negam que a amizade tenha um valor moral-ético particular. Chegam até a identificar amizade com um amor egoísta (amizade ou Eros) diferenciado de um amor

altruísta (ágape). Para esses modernos, amizade seria uma virtude imoral. Kierkegaard (1813-1855), por exemplo, sustenta, de modo pejorativo, que é uma virtude do paganismo, pois é uma preferência por um único amado e corresponde a uma inclinação a ser feliz. O amor verdadeiro, para esse filósofo, inclui todos sem exceção e comporta o dever de se sacrificar pelo outro.

Contra essa opinião, o pensador e matemático russo Pavel Florenskij (1882-1943) - cuja obra foi conhecida, no Ocidente, somente depois de 1991, com a abertura do arquivo da KGB - faz uma ressalva:

Mesmo que se afirme que existem muitos amados, no amor, o relacionamento com cada um é como se fosse único. Todo amor é, por sua própria natureza, seletivo e, portanto, o amado é sempre o eleito, um escolhido. Nisso, propriamente, está a natureza pessoal do amor sem a qual se teria uma vontade coisificada, indiferente à substituição de uma coisa querida por uma outra, semelhante a essa.

Exatamente porque o amor rende ao outro um Tu único, temos em Florenskij uma licença para sermos ciumentos. Para esse autor, o amor amigo implica sempre ciúmes pois “é impossível para o Eu amar e não ser ciumento. Quando o Tu deixa de ser Tu, é impossível que não tente tornar-se de novo Tu”, ou seja, objeto de amor preferencial. Esse importante filósofo russo foi condenado e confinado na ilha de Solovk, num antigo monastério que se tornou um Gulag (Campo de Concentração de Stalin).

Paradoxalmente, a descoberta da própria identidade parece vir exatamente da inesperada identificação com um outro. Clive Staples Lewis (1898-1963), autor irlandês, conhecido entre nós pelas suas “Crônicas de Nárnia”, descreve essa dinâmica da amizade com genial simplicidade:

A amizade nasce da simples camaradagem, quando dois ou mais companheiros descobrem ter uma ideia, um interesse ou somente um gosto, do qual os outros não partilham e que, até aquele momento, cada um deles considerava um seu exclusivo tesouro (ou fardo). A frase com a qual comumente se começa uma amizade é qualquer coisa do gênero: “O quê? Você também? Pensava que eu fosse o único”

O amigo é, nesse sentido, uma pessoa que nos conhece e que nos surpreende pelo fato de nos conhecer, pelo menos em um dos tantos aspectos mais relevantes da nossa personalidade, quase melhor que nós mesmos, levando-nos conhecer a nós mesmos como em um espelho com mais profundidade.

Terminamos como começamos, com Aristóteles, um dos pais da Filosofia:

É certo absurdo fazer do homem solitário a imagem do homem feliz: nenhum escolheria possuir todos os bens a custo de ser o único a usufruí-los. O homem é, de fato, um ser social, levado, pela sua

própria natureza, a viver junto com outros homens. É melhor passar o dia com amigos e pessoas virtuosas, do que com estranhos ou com o primeiro que aparece.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

KONRAD, M. **Dalla Felicità all'amicizia. percorso di etica filosofica**. Roma: Lateran University Press, 2007.